

**O futuro
também
precisa
ser negro.**



AFRO

FOBIA

ONTEM E HOJE

Muitos afirmam que uma história popular é fundamental para que se estabeleça uma referência de ação positiva, para que o homem simples se veja enquanto agente transformador. Não é à toa que os grupos insurrecionais latino-americanos tenham nomes como Tupac Amarú, EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) e outros.

A história desses homens (Tupac Amarú, Emiliano Zapata, Augusto César Sandino, Farabundo Martí, Camillo Torres, Zumbi dos Palmares, ...) serve de caminho para o resgate de uma identidade perigosa. Mas o que acontece em outras terras não acontece por acaso. Eles tem a lembrança, e nós, o esquecimento.

Porém esse desconhecimento não é gratuito.

Nossos atuais governantes são herdeiros das antigas oligarquias e o inimigo (é lógico) têm consciência da "linhagem" a que pertence. Só a título de exemplo: nos galhos da árvore de uma das quatro principais famílias do período colonial (os Lemes) não só são encontrados nomes de quatro presidentes da república velha - Prudente de Moraes, Campos Salles, Hermes da Fonseca e Washington Luís - como ministros de governos recentes - Mário Henrique Simonsen, Zélia Cardoso - e até elementos supostamente de "esquerda" como Leonel Brizola. Portanto é fundamental para a segurança da estrutura social vigente, ainda sustentada

no modelo colonial, que o povo não tenha ou (melhor para eles) não aceite a origem no outro lado da moeda, o escravo.

Por isso o racismo é tão importante. Se o escravo foi o elemento original de grande parte da população e se a história de resistência desses homens e mulheres pode servir de “mal exemplo” para as gerações futuras (como a história de Tupac Amarú e Emiliano Zapata serviu e continua servindo) se torna urgente quebrar essa espinha dorsal, fazer com que o povo procure negar a si mesmo, que ele tente sempre apagar a mancha negra que possui. Não só na cor, mas principalmente, na consciência.

Mas o Poder Negro sempre surpreende e é essa a grande preocupação das elites. Quando o povo tomar ciência de seu verdadeiro passado que, é também seu verdadeiro futuro, verá que nele não há espaço para os clãs modernos (tecnoclãs) que nos dominam atualmente. Levantar do “berço esplêndido” é acordar para uma nova realidade.

E as estratégias de controle e/ou de extermínio da população afrodescendente, além do medo do Poder Negro, recebem o nome de afrofobia. A afrofobia de certa forma sempre existiu. Mas é a partir da segunda metade do século XIX que esse processo assume a forma que lhe permite o uso

correto desse nome.

A hegemonia das idéias racistas no final do século XIX preocupava profundamente a aristocracia brasileira. Como fazer parte da então nova ordem mundial vivendo num país onde a maioria da população é composta de negros e mestiços? Estavam perdendo o trem da história. Contra isso era preciso um enxugamento racial organizado na seguinte forma, segundo um dos principais intelectuais da época, o historiador Sílvio Romero:

“A vitória na luta pela vida pertencerá no porvir (futuro), ao branco; mas para essa mesma vitória (o branco) tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem oferecer, máxime a preta, com que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomado a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo”.

A imigração não foi o único método de embranquecimento. Antes que a imigração fosse utilizada em larga escala a Guerra do Paraguai também serviu de instrumento embranquecedor, já que durante esta guerra a população negra caiu de 45% para 15%; cada filho de senhor que não fosse à guerra era trocado por vários escravos. Os soldados negros lutavam no front sem armas, usando a capoeira para se defender. Em

caso de feridos, não recebiam assistência, muitos marchavam quilômetros descalços.

E mesmo assim, contrariando as expectativas do império, sobreviveram.

A Guerra do Paraguai e as políticas de imigração se mostraram inúteis, caso se considere seu objetivo principal. O Poder Negro tornou a convivência com a parcela negra do Brasil uma realidade inevitável, convivência que não seria nada tranquila. Revoltas como a da Vacina, da Chibata (comandada pelo **almirante negro** João Cândido), a vaia do Paço e outros episódios foram violentos murros da mão negra na política café com leite da república velha.

O mais preocupante era a incipiente organização por trás da imprensa negra alternativa. Principalmente em São Paulo, com jornais como *O Bandeirante* (1910), *o Menelick* (1915), *O Alfinete* e *A Liberdade* (1918) - todos paulistas - foram a voz da comunidade negra durante a república velha. Em 1924 é publicado o primeiro número de *O Clarim da Alvorada* (SP). Com tempo um setor do grupo ligado a esse jornal fundou no Rio de Janeiro o clube *O Quilombo*. Outro setor fundaria em 1931 a Frente Negra Brasileira, que se transformou num partido em 1936 e um ano depois, com o golpe do Estado Novo, foi posta na clandestinidade.

Era a segunda fase da afrofobia. Nessa nova encarnação a afrofobia preferiu não optar por um conflito direto. Muito menos desgastante seria absorver as manifestações culturais afro-brasileiras retirando das mesmas qualquer elemento indesejável. Isso foi feito em larga escala e até os casos extremos, como foi o da Frente Negra, a cooptação foi usada intensamente.

Assim vive até hoje a sociedade brasileira. Com o fim da senzala os escravos foram morar na Casa Grande. Mas em vez do conflito, teoricamente inevitável, os agora ex-escravos foram reduzidos pela presença apaziguadora do mestiço (?!), passaporte através do embranquecimento para uma condição de senhor. Seduzidos pela bondade de seus ex-donos os libertos acabaram, durante muito tempo, esquecendo que continuavam fazendo o mesmo trabalho, que continuavam comendo os mesmos restos com que faziam a sua feijoada e que apesar da nova morada, não passavam da cozinha. Além disso, tinham que conviver com o violento açoite de perversas piadinhas...

O feitiço durou muito mas não foi eterno. A ação dos “Goebbels Tropicais” foi poderosa e trouxe uma série de prejuízos que sentimos até hoje. Na verdade as políticas raciais se mantiveram acima dos governos. O império discutia a imigração e a república implementou as decisões, o Estado Novo

desenvolve seus projetos de docilização que só foram questionados de forma contundente quase nos anos '80.

E não pense você que foi tudo superado.

*"De 1970 para 1980, a população branca reduziu-se de 61% para 55% e a parda aumentou de 29% para 38%. Enquanto a população branca, praticamente já se conscientizou da necessidade de controlar a natalidade - principalmente nas classes média e alta - a negra e a parda elevam seus índices de expansão em dez anos, de 29% para 38%. Assim, temos 65 milhões de brancos (?!), 45 milhões de pardos (!!!) e 1 milhão de negros (só ?!!!). A manter essa tendência, no ano 2000 a população parda e negra será da ordem de 60%, por conseguinte, muito superior à branca. E "eleitoralmente" poderá mandar na política brasileira e dominar todos os postos-chave. A não ser que façamos como em Washington, capital dos EUA, onde devido ao fato da população negra ser da ordem de 63%, não há eleições." **

Obs: o medo da derrota eleitoral é a concepção do inimigo, a expectativa por esta possível vitória em eleições é dos reformistas. Nós não temos nada que ver com esta palhaçada

e Participação) encomendado pelo governo Franco Montoro no estado de São Paulo (1983-1987).

Nos 100 anos da abolição (1988) a Nova República não perdeu a oportunidade de dizer o que pensa do povo negro. Quando foi impedido o protesto em frente ao panteão do "Pacificador" Duque de Caxias - que dentre outros méritos possui o de destruidor de quilombos, sem falar no genocídio da Guerra do Paraguai - as forças armadas foram bem sinceras, encarnada na opinião de um de seus generais. Os militares confessaram que admitiam tudo, qualquer categoria poderia se organizar: trabalhadores, estudantes, mulheres e o que mais viesse. Só o negro organizado preocupava, e muito, aos herdeiros de Caxias.

Hoje, 1997, as experiências de esterilização em massa não surtiram o efeito. Estamos "próximos ao 2000" e os números do GAP se confirmam. Tenham certeza de que nas altas esferas a afrofobia passa por uma nova fase. Mesmo que sejam anunciadas políticas compensatórias, afroreformistas, que segundo eles, causarão o desaparecimento do racismo como uma ressaca, a ressaca da escravidão.

O melhor mesmo é se manter organizado e atento já que o inimigo realmente teme o Poder Negro.

* relatório do GAP (Grupo de Assessoria

Ass. Jobson Lopes dos Santos